

CORAÇÃO DE BALEIA

DRAMATURGIA DE MARTINA SOHN FISCHER

Copyright © 2017 – Ateliê 23 – Todos os direitos reservados

MANAUS – AMAZONAS

(resumo)

É sobre estar dentro de um coração, real e simbólico. E o maior coração do mundo, de uma baleia. Também é sobre termos corações iguais, diferentes só no tamanho e na maneira que o habitamos. Vai de encontro à fala, na instauração dela, na presentificação, no que sobra e no que falta. É sobre um órgão simples, de função que exige vigor. É sobre o rigor da existência. Sobre permear algo do corpo para encontrar algo do sentido, do desejo. É sempre sobre desejo. Estar para a vida, sobreviver, sentir a falta fazer lar, o desespero de querer morrer e ainda sentir o coração batendo, é aceitar que a existência é física e violenta. E para isso, a peça traz uma alegoria através do coração de uma baleia, que é gigante, assustador, violento, calmo e arrebatador. E para falar de desejo, sempre falamos de morte, por isso é sempre sobre pulsão de vida e de morte, aquela de Freud a Lacan.

-

Introdução

Eu queria ser uma baleia
Pra falar outra língua, que não fosse a nossa
Pra nunca fechar os olhos
Pra deslizar uma vida toda
Pra ser peixe grande no infinito
E pequeno então
até desaparecer
de carcaça e tudo
bem lá no fundo do mar
num adeus silencioso
indecifrável
virar oceano

-

ao coração da baleia, o meu e o seu
eu podia ver os olhos dela através das batidas
do coração gigante
Sempre achei tão bonito
o sangue e a cadência
sua
na existência

Bati duas vezes na porta e ela abriu. oi. eu não sabia mesmo o que dizer. arrastei meus pés pra dentro, sem convite. os olhos dela estalaram e senti uma lágrima voando, agressiva. eu não queria entrar. mas a gravidade me puxou. e ela disse que era grave mesmo e que eu não poderia ir até lá. eu não queria. ele também não quer, ela disse. mais uma lágrima e era minha e não foi agressiva, foi voando para o chão, atravessando a madeira, em direção à terra, das minhocas e raízes. um jardim.

Sonhei que comprava baleias. Havia a espera, o mar o barco. Eu comprava a ideia da volta das baleias. Não comprava o corpo nem carcaça. Comprava a impressão de ser baleia, o jeito, a alma. Elas voltavam de algum lugar fundo do oceano. E era passageiro, eu comprava algo que terminava, que mesmo voltando, não ficava.

Até que algo me perguntou se eu queria ser baleia, se eu queria ter um coração gigante. O oceano lar, as ondas companhia, a escuridão em membros de mim. Eu queria sim. Eu quero ser baleia. Respondi. Esperando. Esperando que algo me tomasse, que algo me tirasse de mim. Que eu fosse tudo, menos eu. Que o mar se tornasse tão familiar quanto. Quanto meus olhos? Quantos olhos? Eu estava irreconhecível. Meu nome era algo de neblina flutuando na minha frente e sumia, desaparecia, ferozmente. Eu desaparecia violentamente. Sem deixar. Nada. Eu deixei uma coisa, eu deixei meu coração pequeno, enrugado, cansado, posto na areia, arranhado. Salgando. Eu deixei meu coração na areia, oferenda para o mar, alimento para os selvagens animais. Aqueles, que se alimentam de coisas quase vivas, quase mortas. Meu coração batia ainda, minúsculo e feio. Sangue. Eu tive vergonha. E queria que algum animal comesse logo aquele pedaço de carne vergonhoso. A onda engoliu, o levou. Para o oceano que avançava em mim, que era lar, quase, quase meu, quase eu. eu estava me tornando algo do oceano e que eu não tinha mais nada. Nem um coração. Eu poderia caçar outro. Poderia caçar um coração gigante, que não fosse vergonhoso, que não fosse morto. Que não estivesse em mim, que me fizesse ser outro

-

Duas batidas na porta ou o coração é andarilho

Uma grande muralha. igual ele. vamos. ele não quer que você entre. eu vou. ou te espero aqui fora. mas acho melhor eu entrar. eu não queria estar aqui encarando esse muro sujo, eu queria estar longe daqui. deixa eu segurar sua mão. não. e esse muro não tá sujo. é você, é você que tá fedendo. me passa o cigarro. você não fuma mais. ando fumando. não gosto de andar fumando. você é um merda. vai morrer igual ele. aqui. sem coração. não entra ainda, eu não estou pronto. mas você não vai entrar. eu

sei. mas não estou pronto pra ficar sozinho, aqui. imaginando como ele tá lá, sem respirar sozinho. ele respira melhor que você. ele sempre foi melhor que eu. ta bem. fica com o cigarro. Ficar sem coração. tem aquela máquina. mas o coração é de carne. e carne a gente gosta de comer.

Ouçõ sempre duas batidas, em portas, em todas elas. Ou é meu coração tentando sair de mim, sair da minha cavidade, do meu abismo, a bater fora de mim. Eu sempre ouço, são sempre duas ou meu coração é andarilho. Voltei a sonhar com baleias, eu já quase não sei, mas talvez elas é que sonham comigo. Que merda deve ser, pra uma baleia, sonhar com um humano. Um humano de coração minúsculo. Deve dar vontade de morrer. Eu já cheguei a conclusão que quero ser o coração de uma baleia e não mais a baleia. Deve ser maravilhosa a sensação de saber exatamente para que você serve e o que se deve fazer e fazer isso a vida toda. Como é importante ser coração, ainda mais de uma baleia, porque eu acho que o oceano só existe por causa delas, por causa do jeito que elas cantam, eu consigo imaginar um oceano todo se formando durante o canto delas, por isso, acho que o oceano é infinito e que ser coração de baleia é a função mais importante do mundo. Acho que descobri porque meu coração quer sair de mim, porque eu vivo querendo ser outra coisa e isso acaba com o sentido da vida dele, isso faz ele duvidar do trabalho dele, faz ele querer fugir e ser o coração de outro. Meu coração é um andarilho preso, porque ele não consegue sair sozinho, eu posso arrancá-lo e dar para outra pessoa, mas eu só faria isso se eu me tornasse o coração de uma baleia imediatamente depois. Será que eu teria que esquecer tudo o que eu fui pra ser um coração. Teria. Bem que eu gostaria, mas no fundo eu queria lembrar pra saber do sonho que eu tinha de ser coração de baleia e ficar satisfeito. E se a baleia não gostasse do próprio coração assim como eu não gosto do meu? Acho que isso iria me deixar triste, porque daí a certeza iria embora, como ela sempre vai. Duas batidas, de novo, nas portas da minha casa, meu coração estremece no peito, no meu abismo. Sempre que eu olho no espelho tem um abismo e minhas coisas caem todas nele, já perdi pessoas no meu abismo. já perdi minha imagem. Por isso quero ser coração, um coração é bem mais bonito que minha cara. Meu corpo ficaria muito melhor se fosse corpo de coração. Deve ser tão confortável, morar no abismo da baleia, à beira do oceano. Deve ser bonito. Eu preciso ter força pra quando eu for coração, preciso de vigor, cadência, concentração. E coragem. preciso de coragem pra existir no abismo de uma baleia. Do abismo que eu tenho no peito para o seu, uma ponte.

-

Eu como seu corpo e espero a morte

Como cada pedaço e sugo os ossos

chupo os dedos gordurosos de você

O fim é sim, prazeroso

Eu não quero esconder a morte de ninguém. Estou falando com sinceridade, é sempre sobre violência. A morte é violenta. Sim, só estou falando sobre falar sobre coisas.

Ta bem.

Então vou contar como foi

Eu tava andando na rua, já era bem tarde, tarde da noite, da manhã, sei lá, só sei que o sol tava estranho e o mar tava trazendo muita espuma e eu fiquei pensando de onde vinha tudo aquilo e tinha muito lixo também, alguns peixes mortos, eu comecei a pisar neles e doía, doía em mim e não neles, porque eles tavam mortos, é sobre isso que eu quero falar hoje pode ser? E outro dia eu conversei com uma criança que sabia, tava dentro do olho dela, essa sensação, ela sabia tudo sobre a morte, porque ela vive sempre no hospital e ela SABE falar sobre morte porque tá sempre ali, saca? tá sempre ali. e eu me sinto longe, muito longe da morte, eu to perto só através do desejo, mas assim, não existe nada real entre a gente. E eu tava até sendo sincero com ela, falei sobre não ter cabeça pra isso, mas o sexo é que o importa no fundo e eu quero sempre, sim, quero sempre trepar com ela, não tem um dia que eu não pense sobre

isso, sobre a buceta dela, mas aí vem todo esse lixo sobre a morte e acabo achando que é tudo a mesma coisa, morrer e trepar, é o mesmo prazer, aquela completude, não sei, sobre a morte, aquela criança, ela falava com muita propriedade mas ela não sabe sobre sexo ainda mas eu queria muito perguntar pra ela se ela acha que é a mesma coisa.

E então teve outro dia ainda que eu fiquei encarando um pássaro morto na calçada e era muito feio e real. era real e aí ficava delicioso porque eu tava lá encarando a única certeza da vida e fiquei com pena do pássaro porque ele não podia se ver morto pra sentir aquele prazer que eu senti.

-

Eu sabia nadar e meu voo no oceano foi tão bonito. aí eu morri, todo azul, lindo. Era bonito demais, o mundo azul, quase não dava pra ver o sol, escapou das minhas mãos, as suas, brancas e nuas, dedos dobrando, rugas. nadamos muito e queríamos mesmo morrer. bolhas saíram do seu nariz e os olhos abertos encarando toda a escuridão. minha. e a sua boca ficou roxa, como uma fruta, parecia bem viva na verdade. imaginei sua boca pendendo em lindos galhos gordos de folhas e frutos, de sua boca. queria colher você, me alimentar assim. não sei ainda porque demorei tanto tempo para morrer, depois de você. tive que assistir tudo, se tudo já não fosse água eu choraria todo um oceano em volta de você, e corais e peixes iriam nos habitar, como navios abandonados, aqui nesse fundo todo azul. às vezes penso que estou vivendo dentro da boca de uma baleia e que essa baleia imaginou você pra me fazer companhia. você nunca existiu e mesmo assim eu te matei por achar que morreria de tristeza logo depois. Tua morte foi tão bonita que eu quis viver para assistir. Fiquei aqui, ouvindo todos esses sons, os corais e os peixes já me chamando de água.

Você sempre foi pequenino pra mim, até quando grande. é difícil te abraçar agora. Tenho que admitir que é grande, que tuas mãos cresceram e que elas me assustam. Tenho medo de você, grande assim, não posso te morder. Sinto muito. Você não cabe na minha boca, só o seu nome, e enche, me enche de bolhas, nos pés, andar tanto pra te encontrar e elas estouram dentro dos meus sapatos, mesmo dentro dessa água toda, sou toda suor, sua dor de dente me perturba. Ela só come coisas pequenas e água, de todos os tipos. Até a sujeira que entope nossos estômagos. E a fome passa. E é isso o que desejo. Passe por mim dizendo adeus, com a mão pequena, teu adeus pequeno me faz não acreditar no fim. Eu te amo. Fique comigo, quero te comer e viramos água, isso, assim mesmo. Deitamos no coral, ao sol, estalamos feito conchas de marisco, presas às pedras, algas jocosas, me lambem. Eu te amo e quero ficar aqui. Me ama e deve partir. Alguém me disse que nunca poderíamos falar sobre amor. É proibido. Isso não existe. No mar o amor decanta, vai até o fundo, existe no abismo, no abissal desses animais. se amam. Insistir em existir é amar. E querer morrer é raiva. Não. Aqui ninguém se ama e temos raiva e queremos viver. Você não sabe o que diz. Eu te amo e sempre quero morrer. E agora? Me deixe decantar através da areia, até o fundo de cada animal que aqui habita, de cada pedaço de baleia que apodrece nesse abismo. e te trago o amor. Puro.

-

Um navio aponta
nas suas curvas
marinheiros gritam segurando suas ancas
em armas
contra baleias
e as baleias nadam em mim, tranquilas
minha pele debruça sobre o teu não saber
de tua violência
Deixo que mate brutalmente cada uma delas
para então me sorrir, confusa e cansada
da batalha que travamos contra a nossa verdade
você assiste entre tuas pernas, o que escorre
eu me guardo em teu sangue
esperando
que algo nasça disso
que teus barcos encontrem minhas baleias
que usem seus corpos, suas ceras e gorduras
que te alimentem

que a morte não seja em vão
e que a violência ressignifique a existência

-

Existe uma árvore muito grande no meu jardim. Ela tá morta agora, um raio partiu ela em dois e deixou ela inteira preta, de tanto que queimou. E por causa dela, minha casa toda incendiou. foi bobo, foi pequeno. eu tava fora de casa e foi como uma grande fogueira. foi lindo. eu carreguei pra fora só o sofá, não sei por quê. era a única coisa que ainda não estava em chamas. e foi lá que trepamos, dia e noite. eu carreguei minha lembrança de você, tentei salvar, mas tá meio queimado. não é mais o mesmo sofá. me arrependi de te salvar em mim. que merda. a casa ainda ta em brasas. é lindo mesmo, parece viva. as casas são vivas. mas a minha já tava morta. agora através do fogo ela vive, um pouco, meio torta. todos os vizinhos vieram olhar, uma multidão assistindo nossa vida queimando, eles se lamentam pra mim. eu to dando risada, feliz com esse fim. o melhor de tudo é que eu vi quando o raio caiu na árvore, me dando a chance de incendiar tudo. foi rápido e ninguém percebeu que o raio não amava você.

-

agora eu to com a criança que sabe da morte. eu to aqui porque me contaram, me chamaram, me desejaram aqui. e eu desejo ver a morte. é uma experiência.

Os pais dela

A mãe

O pai

Eles se odeiam agora, porque a filha deles tá morrendo e eles não conseguem mais se olhar sem lembrar que fracassaram. nunca mais vão conseguir se amar, porque nesse amor vai ter a morte, e no sexo vai ter a morte, quando ela quiser chupar o pau dele, vai ter a morte também, na porra dele.

E eu fui lá, pra ver, porque seria uma cena real.

Tem o quarto do hospital, as enfermeiras, a médica e eu quase não to aqui. porque ninguém me vê. só eu me vejo e vejo todo o resto.

Eles tão na cama. Os três

A mãe, o pai, a filha

A filha tá no meio

dos dois

Todos sabem que é agora que ela vai morrer. Eles tentaram existir pra esse momento. A filha tem um sorriso indecifrável no rosto. E os pais têm todo o desconhecido, bem ali, no meio deles.

Eu to angustiado

eu to inteiro aqui, eu não quero morrer

eu quero saber da morte como ela me sabe

só a menina me vê. ela não entende minha presença. mas não se incomoda. ela aceita. tudo bem. pode ficar. eu estou bem assim. no meio de duas muralhas feitas de amor. porque cada peça delas tem um erro ou dois. porque ser muralha é sobreviver mesmo em pedaços. e meus pais estão aqui, assim, muralhas. eles se amam, me amam, queria devolver um amor sem morte para eles. que deus horrível, eles dizem. eu sei que ninguém é tão horrível assim. mas eu concordo e culpo também essa figura invisível, ausente, inventada por eles. é melhor assim. Eu concordo com o olhar dela. Ela acena com cílios pesados, não pelas lágrimas, mas porque a morte já tá pesando nela. e começou pelos olhos. Parece que ela tá com muito sono, mas é tão diferente quando a gente sabe que é morte e não sonho.

Me distanciei da cena e todo mundo ficou mudo. O pai tá falando alguma coisa e a mãe também. Ninguém chora. A menina tenta manter os olhos abertos, só mais um pouquinho. Tem uma roupa de cinderela na cama, tem os sapatos. Tentam vestir nela, ela quer morrer assim. essa cena tá pesada demais. tá tudo mudo. um silêncio. será que a morte se ouve também? Os pés estão inchados, o corpo todo, ta muito inchado. eu queria ajudar a vestir a roupa nela, mas eles querem ficar sozinhos nisso tudo. A médica tenta calçar os sapatinhos, ficam meio caídos, eles brilham, pés de pérola. Ela sorri ao ter essa visão, do que eu pensei. Responde que queria mesmo morrer com pés de pérola. Continuo pensando em tudo que to vendo nela. os cabelos tem o cheiro da morte, mas cheiram à terra em dia de chuva quente. começo a pensar que essa morte já não é mais tão real, porque tá tão linda. ela sorri de novo. os olhos já semicerrados. a roupinha meio aberta, os botões não se fecham, um sapato cai. uma pérola ao chão.

-
Um peixe com nome de baleia. minúsculo e velho. toda a sabedoria num corpinho. nadando. um aquário com atributos forçados, nada natural. mas a planta de verdade vingou e o peixinho nadou tanto que rebojava feliz às voltas da planta, imponente no canto direito do aquário. é uma peixe. a baleia. e essa baleia tem um coração minúsculo, mas que suportou anos de uma existência enigmática. não tive coragem de abrir seu pequeno tórax pra ver seu pequeno coração. talvez fosse do tamanho de um diamante, singelo. acho que era assim. dava pra ver alguns órgãos quando ela nadava contra a luz, a luz atravessando ela. um raio de sol. ela era linda. pequena, tão gigante ainda. Em sua morte, coube com muito espaço ainda, na palma da minha mão. Ficou inteira branca, tomada pela morte e eu soube no momento que nos miramos através do vidro. Sempre temi a morte dela, sempre me preparando, mas foi real demais. o corpinho no fundo do aquário, branco, neve que não derreteu, um coração congelado. todo um tempo sobre ela. seis anos. uma vida inteira numa parte da minha. não suporto a morte de nada, encarei por muito tempo, ali nas minhas mãos, seu corpinho torto, tentei ver de verdade. mas ainda não sei que morte é essa. o real é impossível.

-
Você entra. Entro 10 minutos depois. Eu já tinha te avisado que iria me atrasar. Você disse que tudo bem porque a gente nem ia olhar no relógio mesmo. Você tá tão presente quando eu entro que parece que te fiz esperar por horas. Sentado como se a poltrona fosse sua e o lugar todo respirava com você. Eu já tava tentando lembrar que calcinha que eu tava usando, porque eu queria que você tirasse e eu queria te ver de pau duro assim, de roupa e tudo. Você acendeu um cigarro e o limbo todo fumou com você. Teu pau já tava duro há 10 minutos. Fumando enquanto nos despimos, ao mesmo tempo. A gente se olhou muito bem nesse momento. Eu olhei muito pro teu pau, porque eu queria ir pra casa lembrando dele o tempo todo.

Tava tudo tão sério, o cigarro, as veias do pau e minha buceta. Tava tudo sério. A trepada inteira te olhei séria, você me bateu algumas vezes e minha pele recebeu tudo com muita seriedade. É importante estar aqui. O limbo todo é sério demais, é importante demais. A gente se respeita. Aqui. Todo mundo. Cada vez uma parte nova do limbo se revela, hoje sabemos que tem uma poltrona, um cinzeiro e a tua porra que escorreu no chão. Não vi as paredes e nem o teto. Te perguntei que cor tinha. E tinha a cerveja que você bebeu antes de eu chegar e agora o gosto tá na minha buceta. O limbo fica no corpo, quando a gente sai. E nunca sabemos como vai estar na próxima vez. Dessa vez, não trocamos palavra. A gente tava escrevendo. juntos.

Eu chego primeiro. To lendo o processo, do kafka. Fumo um cigarro até a metade. Você demora horas ou eu que cheguei muito tempo antes. Mas já combinamos que não temos relógio aqui. Tua cerveja tá gelando, vou pedir um gole quando abrir. Eu to triste e pequena. Você chega de leve e me come por trás. Uma, duas e na terceira vez nos olhamos. Você tá exausto e eu também. Bebemos a cerveja e eu sugo toda a tua porra enquanto termina a cerveja e o cigarro. Eu te chupo enquanto você puxa meu cabelo. Eu quero que você me preencha. Me inunde. Você o faz. O limbo dura horas porque estamos os dois tristes. Descontando a violência no corpo. No seu e no meu.

Separados. Na hora de ir, você segura firme o meu cabelo por baixo, me beija invasivo. Agressivo com você mesmo. Não trocamos palavra. Tua boca fala através da minha. Teu falo atravessa minha tristeza. Te peço de novo. Que me foda inteira. Você vai embora, segurando ainda alguns cabelos meus, na mão esquerda. Minha buceta na sua boca. Eu fico no limbo muitas horas ainda. Ele me expulsa de lá por estar sozinha demais. A hora passa, vejo que estou fora. De novo. Hoje tinha o livro do kafka, uma mesa, papel e lápis. Te escrevi uma música. é sobre baleias que morrem sozinhas, cantando, o fundo do mar as recebe. esplêndidas, gigantes. lindas. a areia do fundo é feita quase só de ossos, restos. os abutres do mar a recebem, famintos. é uma música terrível. me desculpe. eu queria estar lá. sendo a baleia. que tá caindo até o fundo, mergulhando em algo dela mesma. é uma música porque ela canta profunda, ela canta pra dentro. canta porque não suporta o silêncio de morrer. completamente só. eu queria ver a sua cara, me vendo tão sozinha assim. o cigarro quase apagando. eu to mergulhando junto. baleia e eu. eu não canto. entro dentro dela, pra ouvir melhor. vou até o coração, me instalo nele, na correnteza do sangue, no pulsar ainda quente. estamos caindo e eu to dentro de uma artéria, um túnel, não respiro mais, meu pulmão é sangue. minhas mãos agarram o tecido, sou um tambor. uma máquina. não sinto meu coração.

enterrei minha cara na carne, tem carne debaixo das minhas unhas. a música mudou quando entrei aqui, sou instrumento, através da nossa morte, uma música só. Tem um barulho agora, muito agressivo, de dentro pra fora. um eco. um ressoar. um sino. me aconchego no rio do coração dela, que tá secando. tem um barranco, uma lama e uma grama. sento. o rio vem vindo fininho, coloco meus pés nele, deito. o céu aqui tem vida ainda. um pássaro acena lá de cima, o céu inteiro vibra. meus braços são a carne dela. o pássaro pousa no meu lado, encara minhas pernas, braços coração. ele tá esperando a gente morrer. pra não morrermos sozinhas. obrigada. eu queria viver aqui pra sempre.

-

Depois da morte
ninguém levanta
raízes brotam,
pontinhos finos atravessando a terra
um movimento
de vida.
nova

-

FIM